

## PICHAR PARA SIGNIFICAR: o sujeito e suas formas de protesto

Wagner E. J. FRANCO<sup>1</sup>; Juliana S. CAVALLARI<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a imagem de uma pichação que circulou nas redes sociais neste ano e compreender como se configuram os sentidos nesta materialidade discursiva a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, que toma como *corpus* qualquer materialidade significativa verbal ou não verbal. A Análise de Discurso entende a língua como relativamente autônoma e local onde se materializa a ideologia, formando o discurso. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O sujeito é interpelado pela ideologia e formado na e pela linguagem. Com estes conceitos, compreendemos que a materialidade discursiva da pichação revela relações contraditórias entre grupos sociais que são constitutivas do discurso e esta materialidade é enunciada a partir de uma posição de resistência do enunciador. Concluimos que língua e sociedade se constituem mutuamente e que o discurso revela diferentes formas de protesto do sujeito. Formas que garantem sua inserção na história e reivindicam reconhecimento e melhoria na sociedade. Por último, a imagem da pichação no ambiente virtual traz a memória do que é produzido no real com novos significados e novos leitores e, sobretudo, desvencilha o aspecto criminoso do ato de pichar.

**Palavras-chave:** Pichação. Análise de Discurso. Sujeito. Resistência.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos uma maneira singular de o sujeito se relacionar com a linguagem para produzir sentidos e se inserir na sociedade: a pichação. Especificamente, a imagem de uma pichação em um muro branco em uma cidade

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí. E-mail: [dominiumwagner@yahoo.com.br](mailto:dominiumwagner@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí. E-mail: judu77@hotmail.com

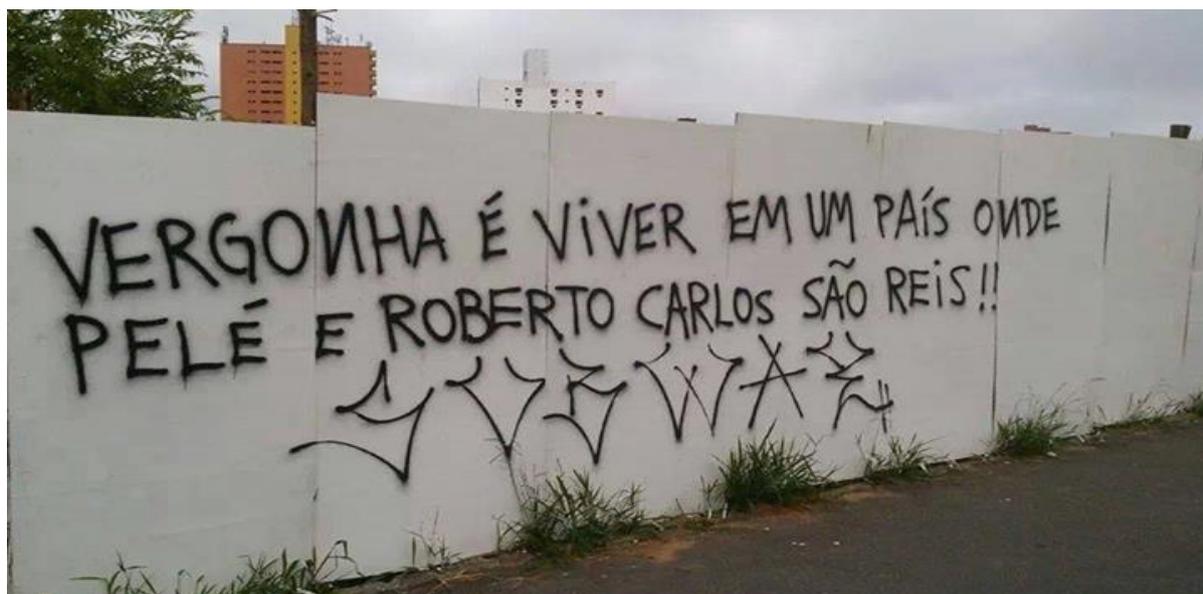
não identificada que circulou nas redes sociais há pouco tempo. Nosso objetivo é compreender como se configuram os sentidos dessa materialidade discursiva.

A relevância do trabalho se justifica pelo caráter acadêmico, a ampliação dos estudos em Análise do discurso e pela necessidade de compreender outros sentidos que não os hegemônicos na sociedade, na importância de se compreender o social e o urbano via linguagem, pois sujeitos e sentidos são constituídos ao mesmo tempo e os sujeitos materializam na linguagem sentidos de resistência e afirmação de identidade.

### MATERIAL E MÉTODO

Para empreender a análise, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Nessa linha de pesquisa, toma-se como *corpus* qualquer materialidade significativa. Neste caso, a pichação retratada na figura abaixo.

Figura 1 – a pichação



Fonte: <https://www.facebook.com/redeesgotodetelevisao/posts/709143485797712>

Para a AD, língua é a materialidade onde se encontram o discurso e a ideologia. Esta entendida como evidência dos sentidos. Não há língua sem sujeito e não há sujeito sem ideologia Orlandi (2010). Para se compreender a linguagem, há que se considerar o sujeito e as condições de produção de sua linguagem.

Orlandi (1998) diz que a relação entre língua e ideologia é materializada no discurso. É no objeto discursivo que os efeitos do jogo da língua na história são

percebidos. Historicidade, diz Orlandi (2012, p.13), é “como os sentidos se constituem na relação da linguagem com a exterioridade, pensando a exterioridade *no* texto, discursivamente, isto é, produzindo efeitos de sentidos por e para sujeitos.” É importante relacionar historicidade com o que Pêcheux (1990) chama de efeito metafórico: que é deslizamento de sentido. O efeito metafórico mexe com a memória à qual está filiada a rede de sentidos. É um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, parte constitutiva do sentido (Pêcheux, 1997). O efeito metafórico tem como efeito manter uma ancoragem semântica através de uma mudança na superfície do texto.

Assim, os sentidos se constituem na relação entre a historicidade e o efeito metafórico. Um discurso remete a outro e pode sempre vir a ser outro. É por esta relação de sentido que compreendemos nosso *corpus* de análise. Um discurso se constitui a partir de um discurso prévio, de já-ditos. Pêcheux (1990, apud Orlandi, 2012, p.13) complementa: “ao produzir um deslizamento, uma mexida na repetição, provooco um efeito sobre o sentido que estou produzindo e sobre aquele de que ele desliza.”

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

Os efeitos de sentido são constituídos em condições específicas. É o que Pêcheux (1997) chama de condições de produção: “o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso e seu processo de produção.” (p. 75). Orlandi (2010) diz que há as condições de produção no sentido estrito, que é o contexto imediato da enunciação, e no sentido amplo, que é o contexto sócio-histórico, ideológico.

Em relação às condições de produção, é preciso compreender as circunstâncias atuais da sociedade brasileira que permitiram o enunciado da pichação.

Sabemos que o Brasil, pentacampeão mundial, possui uma renomada tradição no futebol nacional e internacional. Nossos jogadores são idolatrados por fãs de todas as idades. Isso consagra o Brasil como “país do futebol”. Um jogador em particular, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), 73 anos, destacou-se com a proeza de mais de 1000 gols e passes incríveis. Foi, por isso, coroado pelos torcedores e fãs como “Rei do Futebol”.

Na música, há diversos cantores e compositores que alcançam destaque tradicional. Um destes cantores é Roberto Carlos, 73 anos. É conhecido pelas

canções que retratam amores idealizados e conquistam fãs ao redor do mundo, também foi considerado “Rei”.

Dessa forma, música e futebol são formas de entretenimento tradicionais e com bastante destaque no nosso país. Assim, ser o país do futebol e do carnaval constitui um traço da identidade cultural brasileira, além de se constituir como um discurso que já fez memória em relação ao nosso país.

Porém, o Brasil é conhecido mundo afora também pelas mazelas e pobreza que alcança milhões de pessoas. Com quase nove por cento da população em extrema pobreza, o Brasil sofre para dar vida digna aos carentes. E temos aí um Estado capitalista falho que constitui o sujeito. Em uma sociedade dividida em classes, os sentidos também são divididos. É o político no simbólico. (Orlandi, 2010).

Assim, temos formações discursivas que constituem os sentidos dentro de determinados grupos sociais. Os efeitos de sentido originam-se dentro dessas formações discursivas, ou seja, os sentidos não estão nas palavras, mas

As palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode ser e deve ser dito. (PÉCHEUX, 1988, p. 160).

A palavra “vergonha” na pichação tem seu sentido definido dentro dessas formações discursivas. Nas relações contraditórias dos grupos sociais, temos um grupo que é definido discursivamente como culpado. Este processo de significação incide na constituição identitária do sujeito. Como as identidades são construídas na/pela linguagem e na relação com o outro e o Outro, os sujeitos são múltiplos, dispersos, falhos e heterogêneos. Os sentidos são múltiplos e heterogêneos também. A palavra “vergonha” é enunciada de uma posição social de resistência, possibilitando a produção de sentidos outros que possam mexer ou provocar mal-estar na representação imaginariamente compartilhada do nosso país como país do futebol e do entretenimento. Mexe-se em verdades já naturalizadas. Na relação com o restante do enunciado, “vergonha” soa como uma contrarresposta, um brado de protesto.

De acordo com Pêcheux (1969), todos os enunciados são passíveis de se tornarem outros. A partir das condições de produção dadas, permite-se fazer a deriva: *vergonha é viver em um país em que música e futebol são mais discutidos e valorizados do que as desigualdades sociais*. As formas de entretenimento dominantes são usadas para a alienação social. Uma situação que remete à Política do Pão e Circo do Império Romano. Assim, ao valorizar o entretenimento, o povo se aliena e se esquece dos reais problemas.

A palavra “vergonha” assume na pichação um outro significado, que pertence a outra formação discursiva. É uma resposta àqueles que julgam e oprimem: dada a situação atual brasileira, não é vergonha ser pobre, mas viver em uma situação de pobreza onde o Estado não consegue chegar.

Atentemos também para a polissemia da palavra “Rei”. Ela remete à figura governamental do sistema feudal da Idade Média, época em que as pessoas tinham seus destinos traçados desde o nascimento. Pertencentes a certas castas não podiam mudar. Tudo era fixo e determinado. “Rei” remete então à dominação, figura única que governa, antiguidade, sentido único, opressão, inquestionabilidade dos sentidos. Tudo isso se faz perceber pela historicidade e memória que constituem os sentidos desta pichação.

Nesta pichação, as letras “n” das palavras “vergonha” e “onde” estão ao contrário. Em Análise do Discurso, o sujeito é falado pela ideologia e isso não se dá de forma consciente, portanto, não se trata aqui de um mero erro linguístico. O pichador se significa na criação de sua escrita. Ele elabora seu sistema sem cair na armadilha que desqualifica o analfabeto e não se submete a parâmetros de certo/errado (Orlandi, 2004). Contrárias estão as letras, novos efeitos de sentidos são provocados.

## **CONCLUSÕES**

Retomando o objetivo inicial: como se configuram os efeitos de sentido da pichação? Podemos dizer que na pichação analisada, os sujeitos da história buscaram se inscrever nela através de uma materialidade que faz emergir sentidos de luta, reivindicação, protesto, resistência. Insatisfeitos com a situação como está, encontram na linguagem uma possibilidade de produzir outros sentidos.

Reforça essa ideia o fato de a pichação ter alcançado um novo meio de significação e palco de protesto atual: o ambiente virtual. A imagem circulou através

de uma página voltada para a veiculação de ideias de protesto. Uma nova configuração linguística se instala, já que se trata de uma nova materialidade. Os sentidos são produzidos na rua, no real, por pichação, que agora circulam no virtual. O que antes era censurado, produzido no oculto, agora é amplamente divulgado. No ambiente virtual, a pichação traz a memória de significação do que foi constituído no real, mas com a possibilidade do reconhecimento de um maior número de interlocutores, a perpetuação do trabalho do pichador e sem incidir em criminalidade.

Cabe ressaltar que no ambiente virtual há um novo enfoque para a pichação. No real, nas cidades, nas ruas, o local e o espaço físico da pichação é constituinte de seus efeitos de sentido. Uma pichação no alto de um prédio significa diferente de uma casa ou na prefeitura. No ambiente virtual, o linguístico é o foco. Como se tratam de fotografias, na maioria das vezes, o ambiente físico da pichação não é considerado.

Se a pichação vandaliza e destrói é preciso, antes de tudo, construir uma sociedade em que os indivíduos sejam tratados com mais igualdade e justiça, com o rompimento das barreiras sociais. Uma sociedade onde as condições de vida sejam mais suportáveis.

## REFERÊNCIAS

GADET, F. e HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: Efeitos da Polissemia e do Silêncio. In CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos; SILVA, Telma Domingues da (Orgs.). **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas, SP. Editora RG, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP. Editora Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. O Próprio da Análise de Discurso. *Escritos*,: Discurso e Política, Campinas, LABEUB –NUDECRI-UNICAMP, n. 3, p. 17-21, nov 1998.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos** - Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.